

2018/02/23

“Sharp Power”, como forma de exercer influência

Alexandre Reis Rodrigues

A Europa continua a ser a região do mundo onde o regime de democracia liberal e a ordem internacional que lhe está associada melhor se encontram consolidados,¹ mas as circunstâncias que permitiram chegar a essa situação estão sob riscos de alteração que, embora não sejam exatamente de hoje, estão a acentuar-se rapidamente.

Os alertas vêm de vários lados. A todo o momento nos vemos confrontados com a ideia de que estamos perante o fim do sistema internacional pós-Guerra Fria, criado pelos EUA, e a substituição do período em que a Rússia e China se conformaram com a hegemonia americana por uma nova fase de competição aberta entre as grandes potências. No que respeita à Rússia, para Richard Haass, podemos estar perante o início de uma segunda guerra fria.

De um lado temos dois regimes autoritários, um que tenta recuperar o poder perdido (Rússia), outro que está em ascensão imparável (China). Face aos dois, estão os EUA que se debatem com a procura de uma fórmula que lhes permita enfrentar a nova situação. A Europa não faz parte direta deste jogo, mas está sob o risco de ver perturbada a invejável situação que os europeus desfrutavam, em função da mudança de relacionamento entre Moscovo e Washington e de alterações na postura dos EUA para dar prioridade à região Ásia/Pacífico.

Em idêntica situação estão vários países na vizinhança da China. E não são só os mais diretamente expostos às ambições chinesas de controlo dos mares do Sul e do Leste da China, que incluem pretensões territoriais. Na Austrália e na Nova Zelândia, as respetivas agendas políticas estão já a refletir, com medidas concretas, a acumulação de preocupações sobre o já evidente crescimento da influência chinesa.

Malgrado os grandes investimentos que, quer a China, quer a Rússia estão a fazer em *hard power* (principalmente a China) e a daí decorrente necessidade de os EUA e o Ocidente em geral manterem a superioridade que permitiu livrar o mundo de conflitos entre grandes potências, nas últimas sete décadas, e manter a “Pax Americana” por um quarto de século (1989 a 2014), não é para esse campo que este artigo pretende chamar a atenção. É para a forma como ambas estas potências estão a tentar alargar a sua esfera de influência no mundo das democracias, condicionando a formação das opiniões públicas.

O *National Endowment for Democracy* usa o termo “sharp power” para designar esse tipo de atividades. Joseph Nye, que introduziu os termos “hard e soft powers”, da década de 90, encara-o como uma espécie de “hard power” que trata do «deceptive



¹ Ver “O estado da democracia”, artigo neste mesmo *site* com data de 21 de janeiro.

use of information for hostile purposes».² A interferência russa nas eleições americanas é o mais falado caso de uso recente de “*sharp power*”. Independentemente do papel que a equipa da Trump, durante a campanha eleitoral, possa ter tido, o facto é que Moscovo tem conseguido provocar uma onda de geral desconfiança e descrença pública sobre o funcionamento das instituições americanas e da democracia³ (*social media information warfare*). E tudo indica que não vai parar. Bem pelo contrário e até não limitado a processos eleitorais. Usará todos os temas suscetíveis de gerar tensões inflamadas e dividir opiniões, tal como acontece, presentemente, com a questão da quase ausência de restrições e controlo na compra de armas.⁴

Como modelo de influência não é um assunto novo. Nem sequer é uma forma de interferência a que os EUA não tenham já recorrido no passado, na ajuda aos movimentos anticomunistas. É, porém, uma forma de intervir cuja potencialidade tem crescido desmesuradamente com as oportunidades abertas pela globalização e que entrou numa escala e nível de organização sem precedentes. Está a ser usada por Pequim e Moscovo como forma de influenciar debates, controlar a difusão de informações, tentar censurar o que não lhes convém. Ao contrário do “*soft power*” que visa atrair e conquistar apoios, o “*sharp power*” procura manipular, interferindo no ambiente informativo dos países alvos.

Não é apenas mais uma forma de competição entre as grandes potências, em que, quer a China, quer a Rússia têm investido milhares de milhões de dólares, embora com objetivos e seguindo processos diferentes. Ao contrário da Rússia – que quer sobretudo “minar” a hegemonia americana⁵ – a China usa-o de uma forma mais abrangente e mais sofisticada para promover a imagem do País e o florescimento económico do capitalismo de Estado. Uma tentativa de silenciamento dos críticos do seu regime autoritário e de tornar a ordem internacional mais recetiva à adoção desse modelo.

Alguns países estão mais vulneráveis do que outros a este tipo de interferência, principalmente, os que não tiverem consolidados os princípios dos regimes democráticos liberais. A Turquia, por exemplo, pela mão do Presidente Erdogan, já se afastou do modelo ocidental. A Europa, regra geral, não será uma região de fácil penetração, mas não chega estar alertado, o que nem sequer é o caso. É indispensável uma postura que ativamente denuncie e combata todas essas tentativas de manipulação. E contra esse espetro de ações - corrupção, falsas notícias, criminalidade, e outras manobras próprias de uma aproximação híbrida às rivalidades geopolíticas - a Europa terá que contar apenas consigo própria e, sobretudo, mostrar-se firme e unida.



² «*Authoritarian influence efforts are sharp in the sense they pierce, penetrate, or perforate the information environments in the targeted countries*». (“*China Using Power for Global Influence*”)

³ Atividades que se designam por “*social media information warfare*”.

⁴ «*The tactics on ongoing use by Russian information warriors complement an asymmetrical approach to conflict that seeks to inflame damage while incurring little risk*», in “*Ordered effort to disorder U.S. politics*” Stratfor Worldview.

⁵ Stephen Sazbo (*American Institute for German Studies*) resume a situação do seguinte modo: «*Russia is no longer a threat but an active combatant in a shadow war with the West. Part of the problem is that Europe and the United States continue to underestimate the situation; they do not realize that they are at war. Hybrid war is just war by other means – the aim is to get the West to surrender without engaging in a direct military confrontation*».